

Os relatos de viagem de Mário de Andrade e Otero Pedrayo: campo literário e afirmação identitária

Raquel Illescas Bueno

Antagonismo e diferença: o MST e os outros

Zacchi Vanderlei

Sociedade indígena suruf-aikewára: do extrativismo da castanha aos processos de mediação

Ivânia dos Santos Neves e Maurício Neves Corrêa

Conhecimento, Excepcionalidade e Tragédia em *Édipo Rei* de Sófocles e em *Os Maias* de Eça de Queirós

Rui Sousa

Maleita de amor: ensaio sobre sentimentos e afectos na antiguidade clássica

Reina Pereira

O *Compleat Account of the Portugueze Language* e a primeira *Grammatica Anglo-Lusitana* (Londres, 1701): Alexander Justice e a questão da autoria

Rolf Kemmer

Uma análise comparativa de algumas abordagens de Marcadores Discursivos

Eduardo Penhavel

Recensões

Ficha de avaliação 2012 (volumes 105-106)

AGÁLIA

REVISTA DE ESTUDOS NA CULTURA



número **106** 2º semestre 2012

DIREÇÃO

Roberto Samartim

Universidade da Corunha
Galabra (Universidade de Santiago Compostela, USC)

M. Felisa Rodríguez Prado

Universidade de Santiago de Compostela, Galabra

SECRETARIA TÉCNICA (Adjunta à direção)

Cristina Martínez Tejero

Universidade de Santiago de Compostela, Galabra
Universidade de Vigo

CONSELHO DE REDAÇÃO

Antón Corbacho Quintela

Universidade Federal de Goiás; Galabra (USC)

Carlos Velasco Souto

Universidade da Corunha

Graziella Moraes Dias da Silva

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Luís García Soto

Universidade de Santiago de Compostela

M. Adriana Sousa Carvalho

Universidade de Cabo Verde

M. Carmen Villarino Pardo

Universidade de Santiago de Compostela, Galabra

M. Teresa López Fernández

Universidade da Corunha

Márcio Ricardo Coelho Muniz

Universidade Federal da Bahia

Maria das Dores Guerreiro

I.U. de Lisboa (CIES-ISCTE)

Mihai Iacob

Universitatea din Bucuresti

Pablo Gamallo Otero

Universidade de Santiago de Compostela

Rosa Verdugo Matêz

Universidade de Santiago de Compostela

Vanda Anastácio

Universidade de Lisboa

Xerardo Pereiro Pérez

Universidade Trás-os-Montes e Alto Douro

CONSELHO CIENTÍFICO

Álvaro Iriarte Sanromán (Universidade do Minho; Galabra, USC)

António Firmino da Costa (I. U. de Lisboa, CIES-ISCTE)

Arturo Casas Vales (Universidade de Santiago de Compostela)

Carlos Costa Assunção (Universidade Trás-os-Montes e Alto Douro)

Carlos Quiroga (Universidade de Santiago de Compostela)

Carlos Taibo Arias (Universidad Autónoma de Madrid)

Celso Álvarez Cáccamo (Universidade da Corunha)

Francisco Salinas Portugal (Universidade da Corunha)

Elias J. Torres Feijó (Universidade de Santiago de Compostela, Galabra)

Gilda da Conceição Santos (Universidade Federal do Rio de Janeiro; Real Gabinete Port. de Leitura)

Inocência Mata (Universidade de Lisboa)

Isabel Morán Cabanas (Universidade de Santiago de Compostela)

José António Souto Cabo (Universidade de Santiago de Compostela)

José Luís Rodríguez (Universidade de Santiago de Compostela)

José-Martinho Montero Santalha (Universidade de Vigo)

Júlio Barreto Rocha (Universidade Federal de Rondônia)

Marcial Gondar Portasany (Universidade de Santiago de Compostela)

Onésimo Teotónio de Almeida (Brown University)

Raul Antelo (Universidade Federal de Santa Catarina)

Regina Zilberman (Universidade Federal de Rio Grande do Sul)

Teresa Cruz e Silva (Universidade Eduardo Mondlane)

Teresa Sousa de Almeida (Universidade Nova de Lisboa)

Tobias Brandenberger (Universität Göttingen)

Yara Frateschi Vieira (Universidade Estadual de Campinas)

AGÁLIA. REVISTA DE ESTUDOS NA CULTURA

ISSN: 1130-3557

DEPÓSITO LEGAL: C-250-1985 (versão papel)

EDITA: Associação Galega da Língua (AGAL)

URL: <http://www.agalia.net>

ENDEREÇO-ELETRÓNICO: revista@agalia.net

ENDEREÇO POSTAL: Rua Santa Clara nº 21

15704 Santiago de Compostela (Galiza)

PERIODICIDADE: Semestral (números em junho e dezembro)

ASSINATURA

(https://espaciosseguro.com/agalia/inscricao_agalia.html)

Versão eletrónica (2 números/ano): 20€

Versão impressa (2 números/ano):

<i>Estado Espanhol</i>	20€ Sócios/as AGAL	30€ Não sócios/as
<i>Europa</i>	28€ Sócios/as AGAL	38€ Não sócios/as
<i>Resto do mundo</i>	31€ Sócios/as AGAL	41€ Não sócios/as

Contacto: agalia@agal-gz.org

Envio de originais: <http://www.agalia.net/envio.html>

Normas de Edição no fim do volume e em

<http://www.agalia.net/normas-de-edicao.html>

Indexada em:

CAPES (<http://www.capes.gov.br/>)

dialnet (<http://dialnet.unirioja.es>)

Desenho da capa: Carlos Quiroga

Impressão: Sacauntos, cooperativa gráfica (info@sacauntos.com)

Revisão de textos em inglês: Rosário Mascato Rey

SUMÁRIO

Nota da redação	5
Os relatos de viagem de Mário de Andrade e Otero Pedrayo: campo literário e afirmação identitária	7
<i>Travel accounts of Mário de Andrade and Otero Pedrayo: literary field and affirmation of identity</i>	
Raquel Illescas Bueno	
Antagonismo e diferença: o MST e os outros	21
<i>Antagonism and difference: the MST and its others</i>	
Zacchi Vanderlei	
Sociedade indígena suruí-aikewára: do extrativismo da castanha aos processos de mediação	39
<i>The Suruí-Aikewára Indigenous Society: from extractivism of Brazil-nuts to the digital media</i>	
Ivânia dos Santos Neves e Maurício Neves Corrêa	
Conhecimento, Excepcionalidade e Tragédia em <i>Édipo Rei</i> de Sófocles e em <i>Os Maias</i> de Eça de Queirós	57
<i>Knowledge, Exceptionality and Tragedy in Sofocles' Edipo Rei and Eça de Queiros' Os Maias</i>	
Rui Sousa	
Maleita de amor. Ensaio sobre sentimentos e afectos na antiguidade clássica	79
<i>Love Fever: Essay about Feelings and Affections in Classical Antiquity</i>	
Reina Pereira	

O *Compleat Account of the Portugueze Language* e a primeira *Grammatica Anglo-Lusitanica* (Londres, 1701): Alexander Justice e a questão da autoria 103

The Compleat Account of the Portugueze Language and the first Grammatica Anglo-Lusitanica (London, 1701): Alexander Justice and the authorship question

Rolf Kemmer

Uma análise comparativa de algumas abordagens de Marcadores Discursivos 135

A Comparative Analysis of Some Approaches on Speech Markers

Eduardo Penhavel

Recensões 159

Ficha de avaliação 2012 (volumes 105-106) 183

NOTA DA REDAÇÃO

O número 106 da revista *Agália* contém sete trabalhos que procedem de Portugal (3), do Brasil (3) e de Galiza/ Brasil (1) e que, apesar da sua natureza diversa, dão um contributo ora para a construção de um conhecimento novo e melhor alicerçado sobre os objetos de estudo focados, ora para a identificação de aspetos suscetíveis de mais aprofundamento ou alargamento. Posto isto, vários dos artigos apresentam certa conexão na atenção prestada — a partir de suportes literários, linguísticos ou audiovisuais — a diferentes modos de produzir (ou conservar) a identidade e de construir a definição identitária, em função do contexto geográfico e/ou histórico e em virtude dos relacionamentos que se estabelecem com o(s) outro(s).

Depois de ter realizado uma estadia pós-doutoral na Universidade de Santiago de Compostela, a professora Raquel Bueno, da Universidade Federal do Paraná, apresenta de modo comparativo as ligações estabelecidas entre viagem e identidade, na Galiza e no Brasil, por Otero Pedrayo e Mário de Andrade, respetivamente. Para isso, focaliza os périplos pelo interior dos seus países realizados por ambos em 1927 — altura na qual eram já considerados figuras fundamentais no campo cultural das suas latitudes — e, sobretudo, os textos elaborados em relação com essa experiência, concluindo que o conhecimento em primeira mão foi manancial para a incorporação do oral e do popular na escrita diferencial que procuravam.

O trabalho do doutor Vanderlei Zacchi, da Universidade Federal de Sergipe, aborda a definição ou, melhor, a produção da identidade através tanto do antagonismo como da diferença, focalizando o caso do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), largamente divulgado nos cenários brasileiro e internacional, no decurso do tempo e no percurso do relacionamento quer com os seus oponentes, quer com os seus parceiros. A seguir, Ivânia Neves e Maurício Correa, também ligados a duas instituições do Norte brasileiro — a Universidade Federal do Pará e a Universidade da Amazônia —, apresentam as negociações da cultura feitas, ao longo dos anos, pelo povo tupi morador na Terra Indígena Sororó (Amazônia, no sudeste do Pará), para depois colocar uma

série de reflexões abundantemente nutrida pelas experiências resultantes da realização, nessa comunidade Suruí-Aikewára, de um projeto que, por meio da escola e usando os *media*, situava as crianças entre a tradição e as novas tecnologias.

O saber clássico e as suas pegadas em épocas mais recentes surgem nos artigos de Rui Sousa e de Reina Pereira. No primeiro, o investigador do CLEPUL explora a relação entre conhecimento, excecionalidade e destino trágico conforme aparece no *Rei Édipo*, de Sófocles, na figura do protagonista, e em *Os Maias*, de Eça de Queirós, particularmente associada às personagens de Carlos da Maia e de Maria Eduarda. No segundo, a professora da Universidade da Beira Interior procede a fazer uma ampla revisão dos diversos tipos de afetividade amorosa desenvolvidos na Antiguidade Clássica e aproveitados no período medieval, prestando uma atenção particular à “maleita amorosa” — que encara o afeto como patologia —, embora sejam mostradas possíveis vias para superar tal conceção negativa dos sentimentos.

Na sequência do trabalho sobre o *Compleat Account of the Portuguese Language* e a primeira *Grammatica Anglo-Lusitanica* (1701) que, focalizando a complexa questão da autoria, veio a lume no número anterior de *Agália*, o doutor Rolf Kemmler advoga pela identificação de A. J. com o franco hugonote Alexander Justice, contestando os argumentos contrários do investigador português Manuel Gomes da Torre e apontando as possibilidades que o levantamento e o estudo das peculiaridades das definições, a respeito da *Prosodia* e do *Thesouro*, oferecem para reforçar tal autoria.

O volume encerra-se com um artigo assinado pelo doutor Eduardo Penhavel, da Universidade Estadual Paulista, que visa a sistematização das múltiplas abordagens relativas aos marcadores discursivos (MDs). Partindo das revisões de Blakemore, Fischer e Risso, Silva & Urbano, identifica três agrupamentos fundamentais nos estudos existentes, em função de outras tantas concepções do MD, passando, a seguir, a detetar nelas um comum denominador, que chama de “conceito essencial”. Finalmente, desenha diversas opções de pesquisa e coloca avanços possíveis neste âmbito.

Felisa Rodríguez Prado
Roberto Samartim

O *Compleat Account of the Portugueze Language* e a primeira *Grammatica Anglo-Lusitanica* (Londres, 1701): Alexander Justice e a questão da autoria*

Rolf Kemmler

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (Portugal)

Resumo

O primeiro dicionário de português para falantes anglófonos foi publicado sob o título *A Compleat Account of the Portugueze Language* (London, 1701), junto com o anexo intitulado *Grammatica Anglo-Lusitanica*. Num artigo anterior (Kemmler, 2012) apresentámos as propostas históricas para a identificação do autor semianónimo A. J. No presente artigo apresentamos o autor/tradutor huguenote Alexander Justice, cuja qualidade como autor destas obras tem sido discutido pelo investigador português Manuel Gomes da Torre.

Palavras chave: Historiografia Linguística — Português — Inglês — Século XVIII.

The *Compleat Account of the Portugueze Language* and the first *Grammatica Anglo-Lusitanica* (London, 1701): Alexander Justice and the authorship question

Abstract

The first Portuguese dictionary for English speakers was published under the title *A Compleat Account of the Portugueze Language* (London, 1701), together with the bibliographically dependant *Grammatica Anglo-Lusitanica*, which shortly after had two separate editions. In a previous paper (Kemmler, 2012) we have presented the historical proposals for the identification of the semianonymous author A. J. In this paper, we introduce the Huguenot author/translator Alexander Justice, whose authorship of these works has been questioned by the Portuguese researcher Manuel Gomes da Torre.

Key words: Linguistic Historiography — Portuguese — English — 18th century.

* Investigador do Centro de Estudos em Letras (CEL) da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD), financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT).

1. Introdução

No nosso primeiro artigo dedicado à questão da autoria de *A Compleat Account of the Portuguese Language* e da *Grammatica Anglo-Lusitanica* (1701) apresentá-mos e discutimos as propostas oferecidas pelos bibliógrafos e investigadores (maioritariamente portugueses) que tentaram explicar o surgimento deste importante manual metalinguístico anglo-português. As nossas considerações terminaram com a referência do investigador britânico Robin Carfrae Alston (1933-2011) que, em 1970, constatou que a obra pode ter sido elaborada por um autor contemporâneo que se chamava Alexander Justice.

Se bem que nos falte a *smoking gun* da prova absoluta e irrefutável (que se deve julgar impossível para o caso de uma obra semianónima de inícios do século XVIII), pretendemos, a seguir, reunir os principais dados que nos levam a julgar que este mesmo Alexander Justice possa ser considerado o autor do *Compleat Account*, conforme foi sugerido pelo investigador britânico.

2. Quem foi Alexander Justice?

No âmbito das suas ponderações sobre as traduções de termos portugueses no *Treatise* de 1707, Torre (1996: 41) questiona que Justice possa ter sido “a poliglôt”. Na realidade, não parece que a natureza poliglota do autor realmente possa ser contestada, pois é o próprio Justice (1707) que constata ser francófono, fazendo ainda questão de mencionar que terá residido em França antes de passar a viver na Grã-Bretanha:

After that comes the Article of the Exchanges of *France*, which reaches from Page 97, to Page 168, of which too, I must acquaint the Reader, that I have not taken above 16 Pages out of the *French* Book of Exchanges, having there added some (I hope) Useful Observations, I had a good opportunity to make, during my Residence in that Country. To which I have subjoin'd a Translation of the *French* Laws of Trade, with some Remarks upon them, which I likewise presume to recommend in a most Special Manner, to the perusal of the Curious [sic!] Reader (Justice, 1707: [VIII-IX]).

Este trecho documenta que Justice não apenas terá vivido em França, mas que igualmente terá aumentado o texto relativo à França para acrescentar informa-

ções não constantes do original de Ricard, obviamente com base em conhecimentos jurídicos e comerciais adquiridos durante a presença no seu país natal. A julgar pela natureza complexa e extensão das obras, cuja autoria lhe pode ser atribuída, parece evidente que Alexander Justice terá sido uma pessoa muito bem educada que pelo menos dominava com perfeição o idioma francês, enquanto língua materna, bem como o inglês, língua estrangeira do país de residência. Se o autor chegou a beneficiar de qualquer tipo de educação escolar formal durante a sua juventude no século XVII, é de presumir que terá tido pelo menos conhecimentos básicos de leitura, escrita e tradução do latim, mais ainda se chegou a frequentar qualquer instituição de ensino secundário ou superior.

A naturalidade francesa de Justice é abordada de passagem quando Glaisyer (2006: 143), no âmbito de observações sobre o tratado comercial de Justice (1707), chama Alexander Justice de “French Huguenot refugee”¹. Fica assim explicada a proveniência francesa do autor: este ter-se-á refugiado na Inglaterra em consequência da revogação do Édito de Nantes de 1598, através do Édito de Fontainebleau, decretado por Luís XIV de França em 1685, com o qual teve início uma nova vaga de perseguição aos protestantes franceses, que por sua vez motivou uma grande vaga de emigração para países protestantes, como a Inglaterra.

As informações sobre Justice são bastante escassas, pois limitam-se quase inteiramente à sua atividade profissional como redator do jornal *The British Mercury* (1710-1716)² e da versão francesa, intitulada *Le Mercure Britannique* (1711)³, dois periódicos que pertenciam à companhia de seguros *Sun Fire Office*. Como se vê no seguinte trecho de Glaisyer (2006: 164-165), Justice fez parte dos primeiros redatores do jornal:

1. Tanto esta breve caracterização por Glaisyer como a referência de Harris (1975, I: 209), que fala de um “Huguenot journalist named Alexander Justice”, levam a crer que a pertença de Justice ao grupo dos huguenotes refugiados na Inglaterra não costuma ser contestada.

2. Para informações mais detalhadas sobre este jornal, veja-se Glaisyer (2006: 156-171).

3. Glaisyer (2006: 170-171) informa que Justice ainda terá sido incumbido da redação de um jornal francês intitulado *Le Mercure Britannique* para o público francófono da mesma companhia de seguros. Parece que hoje não se conservam exemplares deste jornal de pequena tiragem.

In the first few months of publication of the *British Mercury* there was a high turnover of writers: the playwright and projector Aaron Hill (who had written for the *British Apollo*) wrote the first three issues for which he was paid 40s; a Stephen Whately was paid £ 6 for writing the issues from 5 April until 16 June 1710; David Jones, apparently the historical writer and translator, was paid 10s. for each issue he wrote from mid-June 1710 until Alexander Justice was employed at the beginning of October that year at the rate of 20s. a week. Justice, the author of the manual mentioned at the beginning of the chapter that explained the publication, the ‘Course of the Exchange’, was particularly well qualified for the job of presenting specialist commercial information to an audience that included specialists as well as non-specialists. When Justice wished in December 1711 ‘to goe [sic] beyond Seas at the Congress under a foreign Ambassador’ his offer to send his contribution by post was declined and the writer Charles Gildon was employed for £ 80 a year⁴.

Segundo o testemunho da investigadora britânica, Justice foi o quarto redator do jornal. Como era de costume na época, o papel de redator incluía o de tradutor de quaisquer notícias vindas do estrangeiro, atividade pela qual recebeu um vencimento semanal de 20 *Shillings*, ou seja, de uma libra por semana⁵.

Esta atividade de Justice durou de meados de junho de 1710 até dezembro de 1711, quando declarou querer ir “beyond sea at the Congress under a

4. As informações dos historiadores da companhia de seguros divergem ligeiramente da obra mais recente de Glaisyer. Segundo Relton (1893: 303), Justice, de quem o autor julga que terá sido um erudito francês, terá iniciado a sua atividade no jornal em agosto de 1710: “Alexander Justice was from August, 1710, to write the Mercury three times a week, he to find intelligence and make it acceptable, without interfering with affairs of State. No party business to be inserted in the Mercury. He continued Author or Editor until he accompanied a Foreign Ambassador beyond the sea to a Congress in 1711. He seems to have been a good French scholar”. É de notar que este trecho contém ainda informação sobre algumas das condições de trabalho às quais Justice era sujeito como redator do jornal londrino. Veja-se também referência semelhante no esboço histórico de Baumer (1910: 54): “In August, 1710, one Alexander Justice succeeded to the Editorship at a pay of 20s. per week. Receiving an appointment in 1711 ‘to accompany a Foreign Ambassador beyond the Sea to a Congress’, he was replaced by Charles Gildon, at a salary of Eighty pounds a year”.

5. Veja-se também Dickson (1960: 37).

foreign ambassador”, argumentando que a razão era “the Congress for the negotiation of peace sitting at Utrecht” (Dickson, 1960: 37). Daí conclui-se que Justice deixou de ser responsável pelo jornal inglês *The British Mercury* e da sua versão francesa para fazer parte da comitiva de um embaixador estrangeiro de nacionalidade desconhecida, integrando-se, assim, nas negociações do Tratado de Utrecht⁶. A finalidade destas negociações plurilaterais foi pôr fim à guerra da sucessão espanhola (1701-1714), que envolveu vários países europeus, entre os quais a França e a Espanha, por um lado, e a Grã-Bretanha, Portugal⁷, a Sabóia e algumas regiões da Itália, o império e vários estados da Alemanha e ainda os Países Baixos, por outro lado⁸. Não se sabe exatamente qual terá sido a atividade de Alexander Justice no âmbito do referido congresso e também não se conhecem mais dados da vida dele a partir do momento em que deixou Londres.

No que diz respeito à atribuição das obras semianónimas de A. J. a Alexander Justice, parece que o *Librorum impressorum, qui in Museo britannico adservantur, catalogus* de Ellis / Baber (London, 1813-1819), repertório dos livros impressos conservados no Museu Britânico, é a primeira bibliografia a fazer uma atribuição:

JUSTICE (ALEX.) A general Treatise of the Dominion and Laws of the Sea, Jurisdiction of the English Admiralty, &c. with an Appendix concerning Pressing. 4^o Lond. 1705 (Ellis / Baber, III 1813, [DXCIII])⁹.

6. A proposta de Justice de escrever para o jornal e enviar os textos por correspondência parece só fazer sentido se considerarmos que este se tenha encontrado no país vizinho e não na emigração ultramarina.

7. Segundo Rodrigues (1996: 146) o tratado de paz entre Portugal e França foi assinado em 11 de abril de 1713.

8. O documento “Liste des Noms & Qualités de leurs Excellences les Seigneurs Plenipotentiaires, Envoyés & Ministres Publics, Qui se trouvent au Congrès dé la Paix Generale à Utrecht, avec leurs Armes & c. Composée & mise en ordre Alphabetique, avec un Supplement”, em Freschot (1714: 277-297), fornece um catálogo bastante extenso com informações sobre os participantes no congresso de Utrecht, cujas negociações tiveram início em 29 de janeiro de 1712 e concluíram com a assinatura de vários tratados de paz entre os países envolvidos, entre março e maio de 1713.

9. Sem fazer qualquer referência ao verdadeiro autor da obra, existe uma recensão crítica bastante elaborada em *HWL* (1706). O autor desconhecido da recensão faz questão de mencionar que se trata de uma tradução de vários textos legais estrangeiros (*HWL*, 1706: 547, 552).

No entanto, a segunda edição de 1710 (aliás, sem referência ao ano) da mesma obra do mesmo autor encontra-se no sexto volume da bibliografia, sem mencionar qualquer autoria:

— A general treatise of the Dominion of the Sea: and a compleat body of the Sea-Laws. With a new Appendix. 4° Lond. (Ellis / Baber, VI 1817, [CCCXLVI]).

Semelhantemente, o *Compleat Account* não se encontra atribuído a nenhum autor, uma vez que os dois bibliógrafos oitocentistas se limitam a referir a autoria semianónima A. J.:

— A Compleat Account of the Portugeuze Language: being a copious Dictionary of *English* with *Portugeuze*, and *Portugeuze* with *English*. By A. J. fol. Lond. 1701 (Ellis / Baber, 1814, II: [DCXXIV]).

Na *Bibliotheca Britannica* do escocês Robert Watt (1777-1819) somente encontramos referências às duas compilações de textos comerciais e jurídicos de Justice (1707, ¹1705, 1724)¹⁰:

JUSTICE, ALEXANDER — A General Treatise of the Dominions and Laws of the Sea. Jurisdiction of the English Admiralty, &c.; with an Appendix, concerning Pressing. Lond. 1705, 4to. — A General Discourse of Commerce. Lond. 1707, 4to.-A General Treatise of Monies and Exchange. Lond. 1707, 4to. (Watt, 1824, II: 560m).

De resto, o grande manual bibliográfico de Watt não faz nenhuma referência ao *Compleat Account*, nem sequer como obra semianónima atribuível a A. J. Seme-

10. Ao longo das quinze páginas dedicadas à letra 'J' em Watt (1824, II: 538m-561d) há um total de 19 pessoas que podiam ter utilizado a abreviatura A. J. em substituição do verdadeiro nome. Entre eles, para além de Alexander Justice há somente quatro autores cuja produção livreira coincide com o tempo do nosso, nomeadamente Abraham Jeacocke, autor de uns sermões publicados em 1702 (Watt, 1824, II: 543y), Alexander Jephson, autor de uns sermões publicados desde 1669 até 1715 (Watt, 1824, II: 546p), Andrew Johnson, autor de um tratado nobiliárquico publicado em 1724, e Anthony Johnson, autor de um tratado sobre as traduções da bíblia em 1730 (Watt, 1824, II: 549f).

lhantemente, o bibliógrafo americano Samuel Allibone (1816-1842) limita-se a referir no seu *Critical Dictionary of English Literature* as duas traduções já citadas:

Justice, Alexander. 1. *Laws of the Sea, &c.*, Lon., 1705, 4to. 2. *Commerce*, 1707, 4to. 3. *Monies and Exchange*, 1707, 4to. (Allibone, 1858, I: 1005).

Não deixa de ser notável que o monumental *Dictionary of National Biography* do inglês Leslie Stephen (1834-1904) não faça qualquer referência a Justice, sendo de esperar que se encontrasse no volume trinta da obra, mais exatamente entre as entradas 'Justel' e 'Justus' (Stephen, 1892, XXX: 231-232).

3. Manuel Gomes da Torre e a questão autoral

Desde o seu trabalho académico de 1985, *Gramáticas inglesas antigas*, o investigador portuense Manuel Gomes da Torre tem vindo a dedicar-se em várias ocasiões ao *Compleat Account* tendo como elemento-chave a preocupação da questão autoral deste conjunto de obras metalinguísticas (Torre, 1985, 1988, 1990, 1996, 1998). Na sua primeira manifestação sobre o assunto, Torre (1985: 15) faz o seguinte resumo do 'estado da arte':

A interpretação das iniciais A. J. tem sido tentada, mas, como se compreende, ninguém parece ter chegado a averiguações conclusivas ou convincentes. Camilo Castelo Branco é o mais categórico ao escrever que “o author deste dicionário é o padre Raphael Bluteau, que então estava em França” (p. 16). Cardim (1922) [sic] chega a pôr a hipótese de as duas iniciais poderem significar simplesmente “A Jesuit” e, assim sendo, o autor poderia ter sido Bento Pereira, ele próprio um jesuíta e conhecido autor de gramáticas latinas. Numa publicação posterior do mesmo artigo, Cardim elimina a hipótese referida, inclinando-se antes a favor de que o autor da *Compleat Account* tenha sido um qualquer aluno britânico do mesmo Bento Pereira, que, ao regressar ao seu país, depois de ter estudado no Seminário Irlandês de Lisboa, se abalançou à feitura da obra (cf. Cardim 1929: 166). Também Oliveira Marques pensa que o autor deve ser estrangeiro e não de nacionalidade portuguesa (1983, vol. II. 328).

Segundo este resumo das afirmações de Cardim (1923, 1929) e de Oliveira Marques¹¹, as hipóteses oferecidas para explicar quem poderia esconder-se detrás das letras A. J. incluem a) o lexicógrafo Rafael Bluteau (1638-1734); b) um jesuíta, possivelmente até o lexicógrafo e gramático Bento Pereira de cujo falecimento se tinham passado vinte anos na altura da publicação da obra bilingue¹²; c) um antigo estudante britânico de Pereira e d) um estrangeiro anglófono desconhecido. Nos seus estudos mais recentes, Gomes da Torre (1990, 1996) conclui que as últimas duas possibilidades parecem mais prováveis, especialmente se considerada a perspectiva do autor setecentista que contempla os benefícios da aquisição da língua portuguesa pelos seus conterrâneos¹³.

Na altura da redação dos seus artigos, Torre não documenta qualquer conhecimento da edição fac-similada do *Compleat Account*, de 1970, nem das afirmações que Alston faz na nota que a acompanha¹⁴. Em continuação das suas investigações nos catálogos da *British Library*, o investigador português refere a existência de uma possível atribuição destas obras ao britânico Alexander Justice (Torre, 1996: 38-39).

11. Num parágrafo que é composto como se fosse uma citação (de fonte não mencionada), Marques (1998, II: 338) faz seguinte referência bastante sumária: “*A Compleat Account of the Portuguese Language, being a copious Dictionary of English with Portuguese, and Portuguese with English*, de autor anónimo escondido sob as iniciais A. J., saiu do prelo em Londres, em 1701. Deveu-se provavelmente a um inglês”.

12. Como o prefácio claramente fala de Portugal e da língua portuguesa de uma perspectiva externa, tudo leva a crer que Pereira não possa ser considerado o autor. Em analogia, o mesmo se aplica ao teatino Bluteau, se considerarmos que se via como português, devido à sua longa permanência em Portugal, como evidencia no trecho do prólogo do seu *Vocabulario Portuguez, e Latino*: “Tambem he de saber, que muitos Portuguezes, que pretendem reprovame por estranho, são menos Portuguezes, do que eu. Todo o Portuguez, que naceo de quarenta annos a esta parte, tem menos annos de Portugal, do que eu. No anno de 1668. cheguei a este Reino, & desde aquelle tempo, raro foi o dia, em que me não aproveitasse de alguma noticia na lingua Portugueza” (Bluteau, 1712: [XXX]).

13. Cf. Torre (1996: 37): “Besides, some passages in the introduction to the dictionary show that its author's position relating to Portugal and the Portuguese is that of a foreigner who uses the third person when he speaks of our country and people”.

14. Isto apesar de manifestar conhecimento, em Torre (1990: 213; 1996: 35, 44) de *A Bibliography of the English Language from the Invention of Printing to the Year 1800* (1965-2007), ou seja, mais exatamente do segundo volume intitulado *Polyglot Dictionaries and Grammars, Treatises on English Written for Speakers of French, German, Dutch, Danish, Swedish, Portuguese, Spanish, Italian, Hungarian, Persian, Bengali and Russian* (Alston, 1967). Torre (1996: 44) até chega a referir a série de edições fac-similadas “English Linguistics 1500-1800: A Collection of Facsimile Reprints”, sem qualquer referência ao volume 260, do *Compleat Account*. Nota-se, porém, que Alston (1967: 134) somente se refere a Justice (1702) e Justice (1705), sem referência à possível autoria.

Partindo desta informação bibliográfica, o facto de aquelas obras que a tradição bibliográfica britânica costuma atribuir ‘seguramente’ a Alexander Justice serem dedicadas a temas relacionados com o comércio e com o direito marítimo leva Torre (1990, 1996) a empreender a prova de que a autoria das obras metalinguísticas anglo-lusitânicas não pode ser atribuída a Justice, devido à suposta falta de conhecimentos de língua portuguesa da parte do deste autor:

I did not find any reference to Portuguese, a very unpalausible circumstance if Justice could speak or simply knew it. On the contrary, everything we can find in the treatise relating to the Portuguese language seems to demonstrate that Justice ignored it completely. That is the case when he refers to Portuguese measures and weights.

In an appendix that Justice titled ‘A General Discourse of Weights and Measures usual in all Considerable Towns of Trade’, he includes a section called ‘*Of the Barros and Cavidos of Portugal*’. The names given by Justice to the Portuguese measures are somewhat puzzling, although, with the help of the context and by comparison with foreign measures, it may be possible to conclude they are measures of length (Torre, 1996: 41-42).

O ‘General Discourse’ mencionado ocupa 72 páginas dentro de *A General Treatise of Monies and Exchanges* (Justice 1707)¹⁵, tratado dedicado a uma multiplicidade de questões relacionadas com pesos e medidas internacionais cuja definição o autor considerava necessária para seu público. Torre refere-se ao seguinte subcapítulo de Justice, dedicado às medidas portuguesas que chama ‘Barros’ e ‘Cavidos’:

Of the Barros and Cavidos of Portugal.

THE Barros and Cavidos of *Portugal* containing an inconsiderable matter less than 1 ⁴/₁₀ Aunes of *Amsterdam*, to avoid Fractions, you may reckon, that

15. Outro tratado que faz parte integrante de Justice (1707) é intitulado *A general treatise of the Reduction of the Exchanges, Moneys and real Species of most Places in Europe*. Sem referência ao autor, aparentemente já tinha sido publicado em 1703 ou 1704, conforme testemunha o catálogo livreiro *Bibliotheca Annuæ* (BA, 1704: 70-71).

100 Aunes of *Amsterdam* make 61 Barros of Lisbon, and
 100 Barros of Lisbon make 164 Aunes of *Amsterdam*. II. And
 100 Cavidos of *Portugal* makes but very little less, than 100 Aunes of
Amsterdam.

The Cavidos of the Isle of *Fagal*, and other Islands, called the Isles of *Flanders*, belonging to the King of *Portugal*, is equal to the Aune of *Amsterdam*; which I have verified by the account of Sale of a certain quantity of Goods, which being sent thither from *Amsterdam*, rendered there as many Cavidoes, as there was sent thither of Aunes (Justice, 1707: 27-28)¹⁶.

Julgamos, no entanto, que a perplexidade do investigador português perante o carácter curioso das palavras portuguesas encontradas pode ser (pelo menos parcialmente) dissolvida se passarmos a considerar o texto original em francês do *Traité général du commerce* (1700, 1706, 1714), da autoria do huguenote Samuel Ricard. Vejamos o capítulo “Du Rapport & de la différence des Mesures pour les Corps étendus des principales Places de l'Europe” que foi mencionado explicitamente pelo tradutor inglês¹⁷.

16. Torre (1996: 42) reproduz este texto com três pequenas alterações, nomeadamente a) falta a linha de subtítulo “*Of the Barros and Cavidos of Portugal*”; b) a fração no primeiro parágrafo não é ‘1 4/0’ (o que não faria qualquer sentido), mas sim 1 4/10 (mas uma vez que 1 4/10 é igual a 1 2/5, esta fração também não parece fazer sentido; para um exemplo com 1 1/10, cf. Justice 1707: 22); c) o texto original contém um artigo indefinido em ‘is equal to an Aune of *Amsterdam*’ em vez de ‘is equal to the Aune of *Amsterdam*’.

17. Cf. Justice (1707: [X]): “And as nothing is more requisite [sic] to a Merchant than to know the exact Proportions of all sorts of Weights and Measures usual in Foreign Trade, I have carefully Translated A General Treatise of the Weights and Measures of all the Noted Places in Christendom, and elsewhere; Composed by Mr. *Ricard*, the Author of the Treatise of Exchanges, and Publish'd beyond Seas, with it, in the *French Language*”. O tratado comercial em língua francesa de Samuel Ricard (1637-1717) teve várias edições, publicadas nos Países Baixos desde 1700. Ao consultar os conteúdos de um exemplar da segunda edição (Ricard 1706) que pertence à Bayerische Staatsbibliothek em Munique, chegámos à conclusão que a falta de um rosto citável e a geral coincidência de paginação permitem a utilização da terceira edição (Ricard 1714) para quaisquer citações, isto apesar de esta ser posterior à publicação de Justice (1707).

Des Barros & des Cavidos de Portugal.

LES 100 Aunes d'Amsterdam font 61 Barros de Lisbonne.

100 Barros de Lisbonne font 164 Aunes d'Amsterdam, p. m.

100 Cavidos de Portugal font 100 Aunes d'Amsterdam p. m.

Le Cavidos de l'Ile de Fayal & des autres Iles, qu'on nomme Iles de Flandres, appartenant au Roi de Portugal, est égal à l'Aune d'Amsterdam, ce que j'ai vérifié par un Compte d'un certain nombre d'Aunes d'une sorte de Marchandise qui avoit été envoyée au-dit Fayal, qui ont rendu autant de Cavidos qu'il avoit été envoié d'Aunes (Ricard, 1714: 39).

A comparação dos dois trechos permite a constatação de que Alexander Justice se limitou quase exclusivamente a reproduzir o texto original. Apenas a parte introdutória “THE [sic] Barros and Cavidos of *Portugal* containing an inconsiderable matter less than $1 \frac{4}{10}$ Aunes of *Amsterdam*, to avoid Fractions, you may reckon, that [...]” é nova em relação ao texto original em francês. Mesmo se o uso de ‘Cavidos’ e ‘Barros’ para os termos portugueses *côvados* e *varas* é pertinentemente criticado por Torre (1990: 221-221; 1996: 42), julgamos que Alexander Justice não pode ser responsabilizado pelo uso destes termos portugueses bastante deformados. Não parece adequado que a simples manutenção de formas encontradas no texto original dentro da tradução possa ser interpretada forçosamente como falta de compreensão da língua portuguesa, quando Justice como tradutor tão obviamente tentou ser geralmente fiel à sua fonte francesa.

No entanto, não deixa de ser interessante que a entrada relativa a ‘Vára de medir’ no dicionário português-inglês do *Compleat Account* pareça documentar os conhecimentos comerciais do autor anglófono, uma vez que são fornecidos detalhes que ultrapassam a mera tradução¹⁸:

Vara de medir. Mensura, æ (Pereira 1741: 1223).

Vára de medir: *a measure something less than an English ell* (Justice, 1701: [CCCLXXXI]).

18. O *Thesouro da Lingua Portuguesa*, que na edição de 1741 ocupa as páginas 1065 até 1222, não apresenta nenhuma entrada para *côvado* ou a variante ‘cavado’ mencionada por Ricard e Justice.

Enquanto o raciocínio de Torre que resulta das suas observações sobre o trecho relativo aos ‘barros e cavidos de Portugal’ é coerente, a conclusão resultante parece-nos algo forçada:

If my reasoning is correct, this lack of orthographic accuracy would be more than enough to demonstrate that Justice was far from being an expert in the Portuguese language and that he could never attempt to write a grammar and a dictionary about it. But there is more evidence of his ignorance of the Portuguese language (Torre, 1996: 42).

Ao proceder com a sua análise das traduções fornecidas por Justice, Torre (1996: 42-43) leva adiante a sua tentativa de documentar a falta de conhecimentos linguísticos em português da parte de Alexander Justice. Assim, apresenta as definições portuguesas relativas à parte “A Treatise of Round Measures for Grains, &c.”¹⁹:

Of Portugal

AT *Lisbon* they reckon 4 Alguiers to the Fanegue, 15 Fanegues to the Muid and 4 Muids to the Last of *Amsterdam* (Justice 1707: 50).

Of the Weights of Portugal, compared with those of Amsterdam.

THE Arobe of *Portugal* consists of 32 Pound, which render between 28 and 29 Pound at *Amsterdam*. And 4 Arobes make the Quintal.

100 Pound of *Amsterdam* make 114 1/2 Pound of *Lisbon*, or a little more. And,

100 Pound of *Lisbon* make 87 1/2 Pound of *Amsterdam*, or a little more (Justice, 1707: 71).

No texto inglês encontramos as formas ‘Alguiers’, ‘Fanegue’ / ‘Fanegues’, ‘Muid’ / ‘Muids’, ‘Arobe’ / ‘Arobes’ e ‘Quintal’. Um olhar para o texto original francês algo mais completo é bastante elucidativo:

19. Torre (1996: 42-43) alega que estes textos podem ser encontrados nas páginas 43 e 73 do tratado de Justice. Na realidade, os textos podem ser encontrados a páginas 50 e 71, respetivamente.

Du Portugal.

L'on compte à Lisbonne 216 Alquieres pour 1 Last d'Amsterdam, ou 4 Muids, faisant le Muid de 54 Alquieres. On divise le Muid en 15 Fanegos, & la Fanego en 4 Alquieres.

Aux Iles Açores, appartenant au Roi de Portugal, & dans l'Ile de Saint Michel, on compte 60 Alquieres pour 1 Muid, qui est 27 Scheppels, ou $\frac{1}{4}$ de Last mesure d'Amsterdam. Ainsi 240 Alquieres font 1 Last d'Amsterdam.

Les Grains qui se transportent de Saint Michel à l'Ile de Madère, donnent 4 Alquieres de bénéfice sur 60 Alquieres, c'est à dire, que les 60 en rendent 64, ce qui est $6\frac{2}{3}$ pour cent (Ricard, 1714: 72).

Du Poids de Hollande, & de celui de Portugal.

100 lb d'Amsterdam — font 114 $\frac{1}{2}$ lb un p. m. de Lisbonne.

100 lb de Lisbonne — font 87 $\frac{1}{2}$ lb un p. p. d'Amsterdam.

L'Arobe de Portugal est de 32 livres, qui donnent 28 à 29 livres à Amsterdam.

Le Quintal y est compté de 4 Arobes, qui font 116 livres, ou environ d'Amsterdam (Ricard, 1714: 97).

Uma vez que, de novo, é Ricard que anteriormente a Justice utiliza as formas criticadas por Torre com pertinência, nomeadamente 'Alquieres' para *alqueire*, 'Fanego' / 'Fanegos' para *fanega*, 'Muid' para *moio*, 'Arobe' / 'Arobes' para *arroba* e 'Quintal' para *quintal*²⁰, parece evidente que as seguintes duas hipóteses não se aplicam:

20. Parece que a qualidade da tradução nem sempre é ótima, como se verifica, por exemplo, no facto de Justice traduzir de forma indiferente as abreviaturas francesas 'un p. m.' e 'un p. p' para 'or a little more', quando o texto original francês leva a pressupor que se deve tratar de 'un *peu moins*' (isto é, 'a little less' em inglês, ou seja, um pouco menos) e 'un *peu plus*' (isto é, 'a little more', ou seja, um pouco mais). Mesmo assim, parece que Justice conseguiu fazer com que o sistema proposto por Ricard ficasse menos confuso, uma vez que os 216 alqueires da medida de Lisboa não se somam, ao contrário do que acontece com a medida de São Miguel. Pinto (1983: 396) menciona as medidas seguintes: 1 *moio* = 15 *fangas*, 1 *fanga* = 4 *alqueires*. Isto significa que 1 *moio* corresponde a 60 *alqueires*. 4 *moios* corresponderiam, por isso, a 240 *alqueires*.

We find ourselves again in the situation of having to admit several hypotheses: a) Either the Portuguese weights and measures quoted were expressed in English by the forms used by Justice (e. g. ‘Alguier’, ‘Fanegue’, ‘arobe’); or b) such forms had no official statute and what Justice wrote were mere adulterations of the Portuguese words he heard others pronounce (Torre, 1996: 43).

As formas fr. ‘Alquieres’ > ing. ‘Alguiers’ para *alqueire*, fr. ‘Fanego’ > ing. ‘Fanegue’ para *fanega*, fr. ‘Muid’ = ing. ‘Muid’ para *moio*, fr. ‘Arobe’ = ing. ‘Arobe’ para *arroba* e fr. ‘Quintal’ = ing. ‘Quintal’ para *quintal* parecem evidenciar que Justice aproveitou boa parte das formas pseudo-portuguesas apresentadas por Ricard²¹. As únicas deturpações que se podem verificar são aquelas das duas formas que já tinham sido deturpadas por Ricard, isto é, ‘Alguiers’ em vez de *alqueire*, e ‘Fanegue’ em vez de *fanega*. A origem destas diferenças terminológicas entre o texto original e a tradução parece, no entanto, ser antes um problema de natureza translatória.

Uma comparação das entradas portuguesas correspondentes a estas cinco medidas no *Thesouro* de Bento Pereira e no *Compleat Account* fornece-nos de novo algumas definições que testemunham a forte preocupação do lexicógrafo com as realidades comerciais:

Alqueire. Modius, ij. Modium, ij.

Alqueire, & meyo. Sesquimodius, ii. Satum, i (Pereira, 1741: 1078).

Alquéire: *A measure, of which three make an English bushel* (Justice, 1701: [CCXV]).

Arroba. Congius, ii. Metreta, æ (Pereira, 1741: 1087).

Arróba: *A weight of 32 pounds in Portugal* (Justice, 1701: [CCXXIV]).

Fanga. Medimnu, i (Pereira, 1741: 1151).

21. Para um estudo do ‘uso atual’ (isto é, baseado no *Inquérito Linguístico Paiva Boléo* que foi realizado entre 1942 e 1973) de algumas destas medidas cf. Pinto (1983).

Fánga: *A certain measure, containing two bushels* (Justice, 1701: [CCXCIII]).

Moyo. Modius magnus (Pereira, 1741: 1178).

Móyo: *A measure of that name, amounting to more or less, 20 english bushels* (Justice, 1701: [CCCXXV]).

Quintal, peso. Centipondium, ij.

Quintal. Hortus domesticus. Viridarum, ij (Pereira, 1741: 1198).

Quintál: *A weight here amounting to 128 pounds.*

Quintál: *A little house garden* (Justice, 1701: [CCCLI]).

Verifica-se que o lexicógrafo anglófono optou por definir os lexemas, ora com base na realidade inglesa (as medidas *alqueire*, *fanga* e *moio* são relacionadas com os *bushels* ingleses), ora com base na realidade portuguesa (para *arroba* e *quintal*, enquanto pesos, refere o equivalente em libras).

De maneira semelhante, as traduções das definições dos termos relacionados ‘comércio’, ‘peso’ e ‘medida’ confirmam a forte preocupação do autor e tradutor da obra inglesa com questões comerciais, ainda mais por as definições inglesas ocasionalmente irem consideravelmente para além da simples equivalência das definições do lexicógrafo jesuíta:

Commercio. Commmercium, ij (Pereira, 1741: 1106).

Comércio: *Trade or commerce* (Justice, (1701: [CCXLIV]).

Medida. Mensura, æ. Mensio, onis. Dimensio, onis.

Medida falsa. Mensura adulterina.

Medida chea. Mensura plena, æquata.

Medida acogulada. Mensura cumulata.

Medida cousa. Mensus, a, um. Dimensus, a, um.

Medida das terras. Decempeda, æ (Pereira, 1741: 1175).

Medída. *A measure, or dimension.*

Medída fálša. *A false or counterfeited measure.*

Medída chéa. *Full and just measure.*

Medída acumuláda. *A measure heaved up over and above*²².

Medída cóusa. *That is measured.*

Medída das térras. *A land-measure* (Justice, (1701: [CCCXXII])).

Peso. Pondus, eris. Moles, is

Pesos da balança. Libra, æ. Trutina, æ (Pereira, 1741: 1190-1191).

Péso: *A weight, burden or load*

Pésor [sic] de balança: *The weights of a ballance [sic] in a pair of scales*
(Justice, (1701: [CCCXLI])).

A conclusão do investigador português que se segue a esta questão (retomando a citação sobre a ilha açoriana do Faial) também não pode ser sustentada:

It would equally be very surprising if the author of *A Compleat Account...* revealed sheer ignorance concerning the Lusitanian reality. And such ignorance is easily detected in one of the passages quoted above, where Justice attributes the ‘Isle of Fagal, and other Islands, called the Isles of Flanders’, to the King of Portugal. He very probably meant the Azorean islands of Fayal and Flores. The orthographic deformation detectable in these two names reinforces our suspicion that what Justice did with weights and measures was another example of deformation of Portuguese words (Torre, 1996: 43).

Como já ficou demonstrado, a alegada ignorância daquilo que Torre chama a realidade lusitana²³ deve ser justamente atribuída a Samuel Ricard, que prece-

22. Pereira traz a entrada ‘Medida acogulada’ que Justice corrige para ‘Medída acumuláda’, fornecendo, para além disso, uma definição bastante interpretativa.

23. A referência ao Faial e os restantes Açores como ‘Ilhas Flamengas’ não é de todo impertinente, se considerarmos que o arquipélago foi descoberto pelo flamengo Joshua van der Berg em 1432, contando-se entre os primeiros povoadores muitos flamengos entre eles, como, por exemplo, o

deu Justice em todas as afirmações criticadas. O mesmo é válido para a última questão discutida pelo investigador português:

Many more examples could be added to the list of deviations taken from the section dedicated by Justice to tables of exchange where the names of Portuguese coins are subjected to considerably bad treatment: ‘Croisado’ (*crusado?*). ‘Reas’ (reaes / reis / reys?). ‘Marvedis’ (*maravedís*). ‘Teston’ (*tostão*), ‘Patacoon’ (*pataco*) etc., all words that do not integrate either part of *A Compleat Account...* Neither does the OED register them, a proof that they were never used in standard English (Torre, 1996: 44).

Mesmo que não tenhamos podido encontrar as formas ‘Croisado’, ‘Reas’ ou ‘Maravedis’ em relação a Portugal no *Treatise* de Alexander Justice, o autor setecentista oferece uma tabela em que menciona todas as moedas utilizadas em Portugal, referindo inclusivamente o valor líquido das moedas em questão (Justice, 1707: 175):

The broad Ducat of Gold, worth	10000	} Rees.
The Double Pistole	4000	
The Pistole	2000	
The half Pistole, or Milree	1000	
The stamp'd Patacoon	600	
The curant Patacoon	500	
The stamp'd Crusado	500	
The curant Crusado	400	
The stamp'd Piaster of <i>Portugal</i>	480	
The Teston	100	
And the Fractions of that Piece of 80, 60, 40, 20 and 10 Rees, which last Species is of a mixt Mettal of Silver and Brass.		}
The <i>Spanish</i> Pistole is worth	2000	
And the <i>Spanish</i> Piaster, or Piece of Eight	750	

primeiro capitão-donatário Joss van Hurtere (1430-1495), de cujo apelido veio a derivar-se o topónimo da Horta, no Faial.

Entre outras moedas, encontramos aqui os ‘Crusados’, ‘Patacoons’ e ‘Testons’, bem como os ‘Rees’ que constituem a unidade monetária. Como se pode ver na tabela do *Treatise*, Justice utiliza ‘rees’ (bem como ‘ree’ no singular).

A melhor explicação da natureza destas unidades encontra-se em Ricard (1714: 341), que ainda oferece a variante adicional ‘Rées’: “Les *Monnoies* de Portugal sont exprimées par Rés, on Rées, que quelques-uns écrivent Raix, de sorte que les achats & ventes se font par Rés, dont les 400 font la Cruzade, ou le Ducat”.

Na sua explicação bastante sintética, Ricard não somente oferece a designação ‘Rés’, normalmente usada no *Traité general*, mas também as variantes ‘Rées’ e mesmo ‘Raix’. A tabela das moedas portuguesas é bastante mais elaborada (Ricard, 1714: 342):

*Des Monnoies Réelles de Portugal.
A Lisbonne on a pour Espèces d'or,*

De Grosses Pieces d'or fin de Ducat, dont chacune vaut		10000 Rés.
Des Doppio Moeda, ou double Pistole,	qui vaut	4000 Rés.
Des Moeda, ou simple Pistole,	qui vaut	2000 Rés.
Des My Moeda, ou 1/2 Pistole,	qui vaut	1000 Rés.

Especies d'argent.

Des Pataques, ou Patagons marquez,	qui valent	600 Rés.
Des Patagons non marquez,	qui valent	500 Rés.
Des Cruzades, marquées,	qui valent	500 Rés.
Des Cruzades, non marquées,	qui valent	400 Rés.
Des Pièces de 8 Réaux de Plate, qui furent marquées en 1643. &	qui valent	480 Rés.
Des Testons, ou 5 Vingtain,	qui valent	100 Rés.
Des quatre Vingtain,		80 Rés.
Et en diminuant jusques à un Vingtain, ou	qui valent	20 Rés.
Et en demi Vingtain, Argent & Cuivre, ou		10 Rés.
Les Pistoles d'Espagne y sont comptées à		2000 Rés.
Les Piastres ou Pièces de 8 Réaux d'Espagne à		750 Rés.

Parece evidente que o tradutor reproduz a tabela das moedas portuguesas de Ricard. No entanto, Justice mostra uma certa independência que parece indicar conhecimento de primeira mão do sistema monetário português de então, pois adiciona o ‘Milree’ como uma moeda no valor de *mil Réis*. Além disso, chega a fazer a distinção entre moedas ‘stamped’ (no sentido de carimbado) e ‘current’ (no sentido de corrente), divergendo do original francês que meramente distinguia entre moedas ‘marquées’ vs. ‘non marquées’. De maneira geral, porém, Justice não parece ter-se preocupado com a correção de termos e de conceitos diferentes, a não ser quando estes diferiam da realidade britânica, pois observa que o próprio Ricard não seria perfeitamente informado das realidades britânicas:

When I had maturely considered of the Translation propos'd, I thought fit in the first Place to make such necessary Alterations, as might adapt the Work to the Genius, and Circumstances of the *English* Nation; to which the Author, who is a *French* Refugee, now residing in *Holland*, seems to be in some particulars a Stranger (Justice, 1707: [VIII]).

A breve comparação entre os pontos essenciais criticados por Manuel Gomes da Torre (1990, 1996), o *Treatise* de Alexander Justice (1707) e o *Traité general* de Ricard (1700, 1714) leva-nos a crer que não existe, com efeito, qualquer razão que imponha ou que justifique uma exclusão de Alexander Justice como o possível autor, ou seja, como o tradutor e editor do *Compleat Account* e da *Grammatica Anglo-Lusitanica*.

Quanto ao autor semianónimo chamado A. J. e o seu perfeito domínio da língua inglesa, Gomes da Torre conclui que deve ser falante do inglês como língua materna:

That the author was a native speaker of English is the most plausible hypothesis. One of the reasons had already been pointed by Cardim based on the good quality of the English used both in *A Compleat Account...* and in the *Grammatica Anglo-Lusitanica*. In fact the English used by A. J. is absolutely flawless and purely idiomatic. As similar grammars later published by Portuguese writers would show, these characteristics were very far from being frequent (Torre, 1996: 36-37).

Ora, é inegável que nas publicações que podem ser atribuídas com certeza a este autor, o antigo huguenote francês Alexander Justice mostra a mesma perfeição nas obras impressas em Londres (sendo de realçar que deve ser considerado mais como tradutor do que como autor) do que qualquer outro autor contemporâneo britânico, surgindo apenas incertezas ocasionais quando a própria fonte não estava segura, como vimos atrás.

No atinente à abreviação A. J., Manuel Gomes da Torre²⁴ documenta corretamente, com base no Catálogo Geral da *British Library*, que houve outros autores britânicos que chegaram a utilizar a abreviatura 'A. J. para publicações semianónimas. Parece, no entanto, que apenas a respeito de Alexander Justice se sabe que viveu em Londres no início do século XVIII e que utilizou esta abreviatura. Se bibliógrafos posteriores ou contemporâneos não hesitaram em atribuir à pessoa histórica chamada Alexander Justice as publicações contemporâneas sobre o comércio (Justice, 1707) e direito comercial (Justice, ¹1705, ²1710, ³1724), a mesma coisa, ao que parece, deve aplicar-se às obras metalinguísticas que utilizam idêntica abreviatura na identificação do autor. Julgamos importante que tanto as obras comerciais e jurídicas como também as metalinguísticas tenham em comum a característica de tratar-se, em grande medida, de traduções. Para além disso, as definições de termos pertencentes ao comércio na parte dicionarística do *Compleat Account* levam-nos a considerar que o autor de Justice (1707) seja o mesmo que o de Justice (1701), pois documenta uma orientação para conteúdos que permite estabelecer um paralelo com as obras puramente económico-jurídicas.

Mesmo perante a ausência de uma prova absoluta (que talvez nunca possa ser encontrada, por falta de documentos contemporâneos), o acima exposto, mas especialmente o forte reflexo comercial nas equivalências inglesas às medidas, que vai muito além do texto de Pereira, leva-nos à conclusão de que o francês (naturalizado inglês) chamado Alexander Justice deve ser considerado o verdadeiro autor (ou melhor ainda, o tradutor verdadeiro) tanto do *Compleat Account* como da *Grammatica Anglo-Lusitanica*.

24. Torre (1996: 39) acertadamente refere August Antoni Jakubowsky (anos 1830), Anthony Jahnsen (autor neerlandês, anos 1690), A. Jars (anos 1800), Augustus Jessop (ca. 1890) e A. Johnston (anos 1860).

4. Conclusão

Face à óbvia inviabilidade da maioria das propostas feitas pelos bibliógrafos e investigadores históricos (cf. Kemmler, 2012), a questão autoral é largamente discutida por Manuel Gomes da Torre ao longo de vários estudos. É sobretudo com base em erros em palavras portuguesas que se encontram no manual económico de Justice (1707) que Torre tenta comprovar que Alexander Justice não pode ser o verdadeiro autor da obra metalinguística anglo-portuguesa. Acabamos, porém, de fornecer provas de que os argumentos auferidos pelo investigador portuense para afastar Justice como autor do *Compleat Account* não são válidos. Ao contrário, as definições relativas a alguns termos pertencentes ao domínio do comércio permitem supor que o tradutor das obras metalinguísticas devia dispor de sólidos conhecimentos na área do comércio europeu. Neste contexto, faz todo o sentido que Alexander Justice, como o tradutor-jornalista de conteúdos comerciais e económicos e autor do tratado comercial, dispusesse de conhecimentos relevantes.

Sendo pertinente a constatação de que o tradutor do *Compleat Account* deverá ter sido de nacionalidade não-portuguesa, a conclusão não nos permite afastar uma autoria de Justice. Na verdade, o facto de o *Compleat Account* com as suas partes ser uma tradução das obras metalinguísticas latino-portuguesas e luso-latinas de Bento Pereira constitui a chave para percebermos quem terá sido o tradutor da obra. É por isso que Cardim (1929: 162) erra ao julgar que “the question of ‘translatorship’ is after all of very little interest”, pois todas as obras que hoje são atribuídas a Alexander Justice (1705, 1707) são traduções para o inglês e o *Compleat Account* insere-se na mesma tradição textual. Através das obras não-metalinguísticas atribuíveis a Alexander Justice fica documentado o interesse do tradutor na área do comércio e do direito comercial, mas igualmente testemunhada a sua grande experiência na área da tradução. No nosso entendimento, terá sido precisamente a experiência profissional como tradutor, acompanhada com a proximidade com temas relacionados com assuntos extralinguísticos, que permitiu que o tradutor elaborasse o *Compleat Account*.

Conforme vimos atrás, a parte dicionarística da obra constitui, na sua essência, uma tradução das duas partes da *Prosódia* do jesuíta português Bento Pereira. Tendo consciência da complexidade da parte técnica do estudo lexicográfico trilingue (português-latim-inglês e latim-inglês-português), limitámo-

-nos à análise pontual de uns termos-chave na parte português-inglês, em confronto com as respetivas entradas no *Thesouro* de Pereira. Estas permitem tirar a conclusão de que o tradutor aproveitou os seus conhecimentos comerciais para fornecer algumas definições pertencentes ao campo do comércio português com uma profundidade definitória que não se encontra na obra de Pereira. O paralelismo entre a natureza das obras do Alexander Justice histórico e a proximidade daquelas entradas muito específicas do *Compleat Account* com as realidades do comércio português da época levam-nos reforçar a noção de que um e outro autor/tradutor possam ter sido o mesmo.

Cremos que o resultado desta pequena análise lexicográfica é bastante promissor, o que nos leva à convicção de que o levantamento e o estudo de todas aquelas definições que vão para além das simples equivalências da *Prosodia* e do *Thesouro* virão testemunhar melhor a mundividência económica e jurídica do autor. No entanto, devemos conceder que estamos ainda longe da realização de uma análise das correspondências inglesas às entradas latinas dos dicionários de Pereira.

Por outro lado, convém referir que, tendo estabelecido em Kemmler (2013) que a *Ars grammaticæ* Bento Pereira serviu como fonte imediata para a tradução do texto metagramatical, se detectou que o tradutor substituiu a metalinguagem latina pela inglesa. Com efeito, o tradutor da gramática evidencia dominar melhor o latim do que o português, uma vez que por vezes não consegue fazer jus às explicações metalinguísticas latinas fornecidas por Bento Pereira.

Considerando as propostas históricas de uma explicação para a questão autoral, julgamos lícito concluir que a proposta cuidadosamente formulada por Robin C. Alston, identificando ‘A. J.’, o autor do *Compleat Account Grammaticæ* e da *Anglo-Lusitanica*, com a personagem histórica Alexander Justice será a única que reúne vários argumentos em seu favor. Julgamos, enfim, que não faz sentido supor que aquele A. J. que publicou *A General Treatise of Monies and Exchanges* em 1707 poderá ser outra pessoa do que o mesmo A. J. que cinco anos antes publicara o *Compleat Account* no âmbito de uma edição do autor.

De Alexander Justice sabe-se que foi um huguenote de origem francesa que dispunha de consideráveis conhecimentos na área do comércio e do direito comercial, tendo vivido em Londres desde data incerta até finais de 1711, quando terá passado a fazer parte das negociações da paz de Utrecht (1712-1713) nos Países Baixos.

Autor de outras traduções para o inglês (às quais o autor adicionou elementos baseados nos seus conhecimentos da realidade britânica da altura) que foram publicadas em 1705 e 1707, Alexander Justice foi, enfim, o único autor histórico de quem se sabe com certeza que viveu em Londres na época e a quem pelo menos algumas das obras semianónimas têm sido atribuídas por bibliógrafos anglófonos desde inícios do século XIX.

O que acabamos de expor leva-nos à afirmar que nos parece suficientemente provável que Alexander Justice terá sido o autor/tradutor do *Compleat Account Grammatica* e da *Anglo-Lusitanica*. Temos, no entanto, consciência de que as nossas conclusões não passam de terem natureza circunstancial. Apesar de toda a convicção, nunca poderemos excluir a possibilidade de que futuras investigações possam permitir outras interpretações, pelo que encararemos com grande interesse qualquer estudo futuro que venha trazer novas informações relevantes.

Bibliografia

- ALLIBONE, S[amuel] Austin. *A Critical Dictionary of English Literature, and British and American authors, Living and Deceased, from the earliest accounts to the middle of the nineteenth century: Containing thirty thousand biographies and literary notices, with forty indexes of subjects*. volume I, Philadelphia: Childs and Peterson, 1858.
- ALSTON, R[obin] C[arfrae]. *A Bibliography of the English Language from the Invention of Printing to the Year 1800: A Systematic Record of Other Languages in English, Based on the Collections of the Principal Libraries of the World, Volume Two, Polyglot Dictionaries and Grammars, Treatises on English Written for Speakers of French, German, Dutch, Danish, Swedish, Portuguese, Spanish, Italian, Hungarian, Persian, Bengali and Russian*. Bradford: Ernest Cummins, 1967.
- BA (1704) = “A general treatise of the Reduction of the Exchanges, Moneys and real Species of most Places in *Europe*”. *Bibliotheca Annua: or the Annual Catalogue for the Year 1702, and 1703, Being an Exact Catalogue of All English and Latin Books, Printed in England* 4 (March 25, 1702 to March

- 25, 1704). Edição fac-símile. London: The Gregg Press (English Bibliographical Sources, Series 1; 4), 1967. 70-71.
- BAUMER, Edward. *The Early Days Of The Sun Fire Office*. London: Sir Joseph Causton & Sons, 1910.
- BLUTEAU, Rafael. *VOCABULARIO / PORTUGUEZ / E / LATINO, / AULICO, ANATOMICO, ARCHITECTONICO, BELLICO, BOTANICO, / Brasilico, Comico, Critico, Chimico, Dogmatico, Dialectico, Dendrologico, Ecclesiastico, / Etymologico, Economico, Florifero, Forense, Fructifero, Geographico, Geometrico, / Gnomonico, Hydrographico, Homonymico, Hierologico, Ichthyologico, Indico, / Isagogico, Laconico, Liturgico, Lithologico, Medico, Musico, Meteorologico, / Nautico, Numerico, Neoterico, Orthographico, Optico, Ornithologico, Po- / etico, Philologico, Pharmaceutico, Quidditativo, Qualitativo, Quan- / titativo, Rhetorico, Rustico, Romano; Symbolico, Synonimi- / co, Syllabico, Theologico, Terapeutico, Technologico, / Uranologico, Xenophonico, Zoologico, / AUTORIZADO COM EXEMPLOS / DOS MELHORES ESCRITORES PORTUGUEZES, E LATINOS, / E OFFERECIDO / A ELREY DE PORTUGUAL, / D. JOAÕ V. / PELO PADRE / D. RAPHAEL BLUTEAU / CLERIGO REGULAR, DOUTOR NA SAGRADA / Theologia, Prégador da Rainha de Inglaterra Henriqueta / Maria de França, e Calificador no sagrado Tribunal / da Inquisição de Lisboa. // COIMBRA / No Collegio das Artes da Companhia de JESU Anno de 1712. / Com todas as licenças necessarias.*
- CARDIM, Luís. "Some notes on the Portuguese-English and English Portuguese grammars to 1830". *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, 5-6 (1923): 437-451.
- CARDIM, Luís. "Portuguese-English Grammarians and the History of English Sounds". *Estudos de Literatura e de Lingüística*. Porto: Faculdade de Letras, 1929. 159-205.
- DICKSON, P[eter][G[eorge] M[uir]. *The Sun Insurance Office 1710-1960: The history of two and a half centuries of British Insurance*. London: Oxford University Press, 1960.
- ELLIS, Henry / Baber Henry Hervey. *Librorum impressorum, qui in Museo britannico adservantur, catalogus*. Vol. II, Pars Prior. Londini: G. Woodfall, 1814.

- ELLIS, Henry / Baber Henry Hervey. *Librorum impressorum, qui in Museo britannico adservantur, catalogus*. Vol. II, Londini: G. Woodfall, 1813.
- ELLIS, Henry / Baber Henry Hervey. *Librorum impressorum, qui in Museo britannico adservantur, catalogus*. Vol. VI. Londini: G. Woodfall, 1817.
- [FRESCHOT, Casimir]. *ACTES, / MÉMOIRES, / & autres / PIÈCES AUTHENTIQUES / concernant / LA PAIX / D'UTRECHT. / TOME PREMIER. / Seconde Edition Augmentée & Corrigée. // A UTRECHT, / Chez GUILLAUME VANDE WATER / ET / JACQUES VAN POOLSUM, / M. D. CCXIV.*
- GLAISYER, Natasha. *The culture of commerce in England, 1660-1720*. London: Boydell & Brewer; Royal Historical Society (Studies in History), 2006.
- HARRIS, Frances Marjorie. *A Study of the Paper War Relating to the Career of the 1st Duke of Marlborough: 1710-1712*. 2 vols. Tese de Doutoramento of Philosophy. Londres: University of London, 1975.
- HWL (1706) = "A General Dominion of Laws and Sea". *The History of the Works of the Learned: Or an Impartial Account of Books Lately Printed ion all Parts of Europe, With a Particular Relation of the State of Learning in each Country*. VIII, 8 (Set. 1706), 545-552.
- J[USTICE], A[lexander]. *A Compleat / ACCOUNT / OF THE / Portugueze Language. / Being a Copious / DICTIONARY / OF / English with Portugueze / AND / Portugueze with English. / TOGETHER / With an Easie and Unerring Method of its Pronunciation, / by a distinguishing Accent, and a Compendium of all the / necessary Rules of Construction and Orthography digested into a Grammatical Form. / To which is Subjoined by way of / APPENDIX / Their usual Manner of Correspondence by Writing, being all suitable, / as well to the Diversion and Curiosity of the Inquisitive Traveller, as to / the Indispensible Use and Advantage of the more Industrious Trader and / Navigator to most of the known Parts of the World. / By A. J. // LONDON: / Printed by R. Janeway, for the Author, M.DCC.I.*
- J[USTICE], A[lexander]. *A complete account of the Portuguese language: 1701, with Grammatica Anglo-Lusitanica*. Menston: Scholar Press, 1970 (English Linguistics 1500-1800: A Collection of Facsimile Reprints; 260).
- J[USTICE], A[lexander]. *GRAMMATICA / Anglo-Lusitanica: / Or a Short and Compendious / SYSTEM / OF AN / English and Portugueze / GRAMMAR.*

/ Containing / All the most Useful and Necessary Rules / of the Syntax, and Construction of the / Portuguese Tongue. / Together with some Useful Dialogues and / Colloquies, agreeable to common Conversa- / tion. / With a Vocabulary of Useful Words in English and / Portuguese. / Designed for, and fitted to all Capacities, and more / especially such whose Chance or Business may lead / them into any part of the World, where that Lan- / guage is used or esteemed. / By A. J. // LONDON: Printed by R. Janeway, and sold by Sam. / Crouch, the Corner of Popes-Head-Alley, and Rich. Par- / ker, at the Unicorn under the Royal Exchange, Cornhill, 1702. Edição fac-símile. La Vergne: Gale ECCO (Eighteenth Century Collections Online Print Editions).

J[USTICE], A[lexander]. *GRAMMATICA / Anglo-Lusitanica: / Or a Short and Compendious / SYSTEM / OF AN / English and Portuguese / GRAMMAR. / CONTAINING / All the most Useful and Necessary Rules / of the Syntax, and Construction of / the Portuguese Tongue. / Together vvith some Useful Dialogues / and Colloquies, agreeable to com- / mon Conversation. / VVith a Vocabulary of Useful VWords in / English and Portuguese. / Designed for, and fitted to all Capacities, / and more especially such vvwhose Chan- / ce or Business may lead them into / any part of the VWorld, vvhe- / re that Language is used / or esteemed. // LISBOA. / Na Officina de Miguel Marnesca, Im- / pressor do Santo Officio. / Anno de 1705.*

J[USTICE], A[lexander]. *A General / TREATISE / OF / Monies and Exchanges; / In which those of all Trading Nations are parti- / cularly Describ'd and Consider'd. / WITH / An Account of all the foreign BANKS and different / SPECIES and Denominations of MONIES, with their / Current and Intrinsick Value; and of the Method and / Practice of Foreign and Domestick EXCHANGES. / TOGETHER WITH / An Exact Translation of the Excellent Ordinances lately Pub- / lish'd in FRANCE, for EXCHANGE and COMMERCE, and / the Regulations of most Trading Places upon that Subject. With / an Introductory Discourse of the Nature and Origin of EXCHANGE, / Containing also the Principles of that most Intricate and Useful / part of COMMERCE; with Forms of Bills of all sorts, and the / Customs of Merchants relating thereto; in a most Easie and Fa- / miliar Method. / AS ALSO, / TABLES of the Reduction of the MONIES and EXCHANGES of / the most Considerable Towns in EU-*

ROPE. / To which is subjoin'd, / A General Discourse of the Trade and Commodities of most Nations: / with a more particular Account of those of ENGLAND, &c. / Together with / An Universal Treatise of the WEIGHTS and MEASURES usual / in Trade all over the World, with Curious Tables relating there- / unto: Of all which, a more particular Account in the Preface. / By a Well-wisher of the TRADE. // LONDON: / Printed for S. and J. Sprint, and J. Nicholson, in Little-Britain; and / R. Smith, under the Piazza of the Royal Exchange in Cornhill, MDCCCVII.

[JUSTICE, Alexander]. A GENERAL / TREATISE / OF THE / Dominion of the Sea. / And a COMPLEAT BODY of the / SEA-LAWS / CONTAINING / What is most Valuable on that Subject, in Antient and Modern Authors; / and particularly the Antient LAWS of the Rhodians and Romans; those of / Oleron, Wisbuy, and other Countries; with curious Notes and Observations. / AS ALSO / That excellent BODY of SEA-LAWS lately published in France: With / a Collection of Marine Treaties concluded during the last Century. / TOGETHER WITH, / Several Discourses about the Jurisdiction and Manner of Proceeding in the / Admiralty of England, both in Criminal and Civil Matters, and Adjudg'd / Cases in several Courts concerning Trade and Navigation. / In all which are explained at large, the Laws and Customs of Merchants, and / of the Courts in Cases of Bottomry, Insurances, Charter-Parties, Bills of Lading, Piracy, and of Letters of Marque and Reprisal. / To which is subjoin'd, / An APPENDIX concerning the present State and Regulations of the / ADMIRALTY and NAVY. / The THIRD EDITION, with large Additions and Improvements. / AND A NEW / APPENDIX / CONTAINING / Several Eminent Lawyer's Opinions in important Marine Cases; a Comparison of the ENGLISH and FRENCH Conduct in their Sea-Affairs; an ESSAY / concerning the NAVY of ENGLAND, taken from Mr. Pepis's, Mr. Burchet's, and / other Authentick Memoirs, an Abstract of all the Acts of Parliament relating to / the Marine; particularly, that for Establishing Articles and Orders for the Regulating and better Government of the FLEET, &c. // LONDON: / Sold by Thomas Page, William and Fisher Mount in Postern-Row on Tower Hill. MD.CC.XXIV.

Kemmler, Rolf. "The *Grammatica Anglo-Lusitanica* (London, 1701), a Translation of Bento Pereira's *Ars grammatica pro lingua Lusitana addiscenda*

Latino idiomate (Lyon, 1672)?”. *Beiträge zur Geschichte der Sprachwissenschaft*, 23 (2013): 87-102.

- Kemmler, Rolf. “O Compleat Account of the Portugeeze Language e a primeira Grammatica Anglo-Lusitanica (Londres, 1701): a discussão da autoria de 1859 até 1970”. *Agália. Revista de Estudos na Cultura* 105 (2012): 213-231.
- MARQUES, Humberto Oliveira. *História de Portugal: Manual para uso de estudantes e outros curiosos de assuntos do passado pátrio, vol. II, Do Renascimento às Revoluções Liberais*. Lisboa: Editorial Presença, 1998 (13 ed).
- PEREIRA, Bento. *ARS / GRAMMATICÆ / PRO LINGVA / LVSITANA / AD- DISCENDA LATINO / Idiomate proponitur, / In hoc libello, velut in quædam academiola diuisa in / quinque classes, instructas subselliis, recto ordine / dispertitis, vt ab omnibus tum domesticis, / tum exteris frequentari possint. / Ad finem ponitur Ortographia, ars rectè scribendi, / vt sicut prior docet rectè loqui, ita posterior / doceat rectè scribere linguam Lusitanam. / In gratiam Italorum coniugationibus Lusitanis Italæ / correspondent. / Authore P. Doct. BENEDICTO PEREIRA, Societ. / Iesu, Portugallensi Borbano, in Supremo Lusitaniæ / S. Inquisitionis Tribunali Censorio Qualificatore, / & modò Romæ pro assistentia Lusitana / Revisore. // LVGDVNI, / Sumptibus Lavrentii Anisson. / M. DC. LXXII. / SUPERIORUM PERMISSU.*
- PEREIRA, Bento. *PROSODIA / IN / VOCABULARIUM / BILINGUÆ, / LATINUM ET LUSITANUM, / DIGESTA, / In qua dictionum significatio, & syllabarum / QUANTITAS EXPENDITUR, / OPUS OMNINO NECESSARIUM PROFESSORIBUS SACRARUM, / Et Humaniorum Literarum, Medicis, Juristis, & omnibus cuiuscunque / facultatis Studiosis; tum propter innumeras dictiones, quas à Sacris, & / profanis Auctoribus decerptas exponit; tum propter recondita car- / mina omniũ Veterũ Poëtarũ, & Recentiorũ clari nominis, quos / omnes Auctor ad expendendas syllabas perlegit. / AUCTORE / P. D. BENEDICTO PEREYRA / Societ. JESU, / Portugallensi, Borbano, in Eborensi Academia Primario / olim Rhetorices Professore, & tandem in eadem / Academia Sac. Theol. Professore Primario / NONA EDITIO / AUCTIOR, ET LOCUPLETIOR / AB ACADEMIA EBORENSI / Prodit opus in hac nova editione innumeris propemodum erroribus purgatum, pene incre- / dibili vocabulorum, quæ desiderabatur, numero auctum, è qui-*

bus sunt superaddita vi- / ginti circiter quatuor millia, à plusquam ter-
centis Auctoribus hûc translata, quorum nomi- / na in catalogo infrà
conscripta offendes. Omnia quoad fieri potuit, & Lusitano idioma- / te.
& quantitate, & auctoritate donantuur. Quæ asterisco * notantur, cautè
usurpanda; vel enim Auctore destituuntur; vel non temerè sunt æmulan-
da, cùm à communi usu abhorreant. // EBORÆ, / Cum facultate Supe-
riorum, ex Typographia Academiae, Anno Domini. M. DCC. XLI.

PINTO, Adelina Angélica. “Isoléxicas Portuguesas (Antigas medidas de capacida-
de)”. *Revista Portuguesa da Filologia*, XVIII (1983): 367-590.

RELTON, Francis Boyer. *An account of the fire insurance companies associations, institutions, projects and schemes established and projected in Great Britain and Ireland during the 17th and 18th centuries including the Sun Fire Office; also of Charles Povey the projector of that office, his writings and schemes*, London: Swan, Sonnenschein & Co, 1893.

RICARD, Samuel. *Traité général du commerce*. Amsterdam: Paul Marret, 1706.
Bayerische Staatsbibliothek, call number 4 Merc. 88.

RICARD, Samuel. *TRAITÉ GENERAL / DU COMMERCE / PLUS AMPLE ET PLUS EXACT / Que ceux qui ont paru jusques à présent: fait sur les Memoires / de divers Auteurs tant Anciens que modernes: contenant / les Reductions des Mesures, Poids & Monnoies / DE LA HOLLANDE OU D'AMSTERDAM / Reduites aux Mesures, Poids & Monnoies des principales / Places de l'Europe; comme aussi pour les Excomptes / ou Rabais, avec divers Tables à ce sujet. / POUR LA BANQUE, LE CHANGE, RECHANGE, LES FORMES, / Termes & diligences des Lettres & Billets de Change, & des Lettres de Credit: / Pour les Monnoies Réelles & de Change, des Prix courans des Places, pour / savoir en quelles Monnoies y sont tenuës les Escritures, le moyen de faire les / Changes & les Reductions pour les Traités & les Remises, pour calculer les / Changes & les ajuster, pour en connoître les profits & les pertes, & l'égalité des Monnoies & les prix des Changes. / TROISIE'ME EDITION, / Reveuë, corrigée, & augmentée. / Ouvrage très-utile aux Banquiers, Negocians, Voyageurs, & sur tout à la / Jeunesse qui desire d'apprendre le Commerce & le Negoce de Change. / Par SAMUEL RICARD // A AMSTERDAM, / Chez la Veuve de PAUL MARRET, dans le Beursstrat, à la Renommée. / M. DCCXIV.*

- RODRIGUES, António Simões (coord.). *História de Portugal em Datas*. Lisboa: Temas e Debates, 1996.
- STEPHEN, Leslie (ed.). *Dictionary of National Biography*. 63 vols. London: Smith, Elder, & Co., 1885-1900.
- TORRE, Manuel Gomes da. *Gramáticas inglesas antigas: alguns dados para a história dos estudos ingleses em Portugal até 1820*. Trabalho complementar à dissertação de doutoramento. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1985.
- TORRE, Manuel Gomes da. "O interesse pelo estudo do inglês em Portugal no séc. XVIII". *Actas do Colóquio comemorativo do VI Centenário do Tratado de Windsor (de 15 a 18 de Outubro de 1986)*. Ed. M. Gomes da Torre, R. Carvalho Homem e M. T. Castilho. Porto: Universidade do Porto, 1988. 41-54.
- TORRE, Manuel Gomes da. "Quem foi o autor de 'A compleat account'". *Revista da Faculdade de Letras: Línguas e Literaturas* 7 (1990): 211-224.
- TORRE, Manuel Gomes da. "Imported models: a tradition of English-Language Teaching in Portugal". *Revista da Faculdade de Letras: Línguas e Literaturas* 12 (1995): 135-148.
- TORRE, Manuel Gomes da. "Who wrote *A Compleat Account of the Portuguese Language*?" *Revista de Estudos Anglo-Portugueses* 5 (1996): 33-47.
- TORRE, Manuel Gomes da. "Elementos para a história das relações linguísticas entre Portugal e a Grã-Bretanha". *Estudos ingleses: ensaios sobre língua, literatura e cultura*. Ed. Gualter Cunha. Coimbra: Minerva, 1998. 213-230.
- WATT, Robert. *Bibliotheca Britannica; or a General Index to British and Foreign Literature in two Parts: Authors and Subjects, Volume II, Authors*. Edinburgh; London: Printed for Archibald Constable and Company; Longman, Hurst, Rees, Orme, Brown, & Green, 1824.

Nota curricular

Rolf Kemmler é investigador do Centro de Estudos em Letras (CEL) da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD), em Portugal, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT).

Contacto

kemmler@utad.pt | Centro de Estudos em Letras. Departamento de Letras, Artes e Comunicação. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Quinta de Prados P-5000-801, Vila Real (Portugal).